

FEMINISMO NEGRO: UMA PERSPECTIVA DO DISCURSO IDEOLÓGICO NA DESIGUALDADE HISTÓRICA DA MULHER NEGRA

BLACK FEMINISM: A PERSPECTIVE OF IDEOLOGICAL DISCOURSE ON THE HISTORICAL INEQUALITY OF BLACK WOMEN

Clarice de Freitas Silva¹

Universidade Federal do Agreste de Pernambuco

Resumo: A mulher negra na sociedade brasileira contém uma carga histórica de sofrimento e descaso social. O Feminismo Negro luta para que a mulher não seja somente dona de si e de suas vontades mas também, dona de sua etnia e cultura. Principiado por essa necessidade, seguirei pelo caminho das reflexões de ativistas como Beauvoir (1967; 1970) e Akotirene (2019); do campo discursivo, teorias de Pêcheux (1975) e Orlandi (1999). Usarei a linguagem ideológica como forte constituinte de identidades sociais e relações sociais da mulher negra. Essa reflexão partirá da análise discursiva do seriado *Malhação Viva a Diferença*.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Dominação Patriarcal; Mulher Negra; Feminismo Negro; Interseccionalidade.

Abstract: Black women in Brazilian society contain a historical burden of suffering and social neglect. Black feminism struggles so that women are not only masters of themselves and their wills, but also masters of their ethnicity and culture. Beginning with this need, I will follow the path of reflections by activists like Beauvoir (1967; 1970) and Akotirene (2019); from the discursive field, theories of Pêcheux (1975) and Orlandi (1999). I will use ideological language as a strong constituent of social identities and social relations of black women. This reflection will start from the discursive analysis of the series *Malhação Viva a Diferença*.

Keywords: Discourse Analysis; Patriarchal Domination; Black Woman; Black Feminism; Intersectionality.

Submetido em 26 de dezembro de 2020.

Aprovado em 30 de janeiro de 2021.

Introdução

É da mulher negra o coração do conceito de interseccionalidade.
(Carla Akotirene)

A situação da mulher e do negro na sociedade brasileira contém uma carga histórica de sofrimento e descaso social abrangente. Uma sociedade cercada por uma dominação patriarcal e racista. Um duo de preconceito e desigualdade que acarreta uma

¹Discente do curso de Licenciatura em Letras - Português, Inglês e suas respectivas literaturas. PIBIDiana do Núcleo de Letras da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco - UFAPE. Email: clariceuf@gmail.com.

baixa valorização tanto da mulher quanto do negro em diversos ramos da sociedade sejam eles sociais e/ou trabalhistas. A necessidade de uma luta contra este duo foi (e é) gritante desde a colonização brasileira até os momentos atuais, a luta feminista, em um dos seus ramos, trata justamente desta dualidade e é conhecida como: Feminismo Negro.

Uma sociedade marcada pelo patriarcado coloca a mulher como coadjuvante nas relações sociais e os homens como dominantes da voz e do comando nessas relações. Conforme Morgante e Nader (2014, p. 8), “o conceito patriarcado permite visualizar estes dois âmbitos, a dominação e a exploração das mulheres, que estão estreitamente interligados”. A mulher, mesmo com capacidade e dedicação semelhantes aos homens, teve que colocar-se em segundo plano nesse sistema, que oprimiu e negou-lhes os direitos como constituintes de uma sociedade.

Em uma sociedade racista “o negro é frequentemente considerado um tipo étnica e culturalmente inferior” (FERREIRA; CAMARGO, 2011, p. 375). Essa visão pode ser facilmente comprovada observando os padrões utilizados como superiores, traços europeus como: pele branca, olhos claros, cabelos lisos. Os padrões culturais e étnicos marginalizados são, comumente, praticados e tidos por negros. Ou seja, o negro tornou-se aos olhos da sociedade um povo feio e criminoso².

Partindo dos pressupostos feministas viu-se a necessidade de uma luta que abarcasse não somente a mulher como dona de si e de suas vontades mas também, dona de sua etnia e cultura — o Feminismo Negro. Na visão da sociedade “a mulher negra está associada ao desempenho de atividades de empregada doméstica, como se essa fosse uma associação natural” (FERREIRA; CAMARGO, 2011, p. 383). Principiado por essa necessidade, seguirei pelo caminho das reflexões de autoras ativistas como Simone de Beauvoir (1967; 1970), Carla Akotirene (2019) e do filósofo Michel Foucault (1988; 2008), para considerações linguísticas, do campo discursivo, apresentarei teorias de Michel Pêcheux (1975), Eni Orlandi (1999) e Fernanda Mussalim (2003). Diante desses pressupostos discursivos usarei a linguagem ideológica como forte constituinte de identidades sociais e relações sociais da mulher negra.

Assim sendo, esse corpus teórico será tomado como base para a análise dos processos discursivos no diálogo das personagens Lica e Helen e no diálogo das

² A sociedade define padrões de beleza e todo aquele que não preenche os requisitos estabelecidos como belos — socialmente — automaticamente são tidos como o seu oposto, uma visão estereotipada sofrida pelos negros e negras.

personagens Malu e Nena do seriado *Malhação Viva a Diferença*, transmitido, pela Rede Globo, entre o ano de 2017 a 2018. Os diálogos estão presentes no 3º e no 111º episódio, respectivamente. O primeiro diálogo retrata o sentimento de posse entre patrão e empregada, numa perspectiva social hierárquica. O segundo diálogo torna perceptível à visão que a mulher branca tem da mulher negra unicamente para trabalhos servis.

À luz dessas breves considerações precedentes, este trabalho está estruturado da seguinte forma: primeiramente faço alusão às causas que originam o Feminismo Negro, situando o duo do machismo e do racismo na sociedade brasileira para fazer-se entender a importância dessa luta. No segundo momento, guiada pelas reflexões das autoras e autores, a reflexão seguirá o caminho de novas perspectivas decorrentes do que já foi dito e do *corpus* que será analisado. Na sequência serão redirecionadas as novas perspectivas sobre a reflexão da ideologia do Feminismo Negro, da resistência dos grupos dominados e como essa resistência discursiva pode equiparar as relações que, atualmente, fazem parte da desigualdade de gênero e raça simultâneos.

1. Patriarcalismo e o fim da escravidão brasileira

O patriarcalismo constitui uma história de dominação masculina nas relações sociais e controle sobre o gênero feminino. Nesse sistema patriarcal os valores e trabalhos masculinos são superiores aos femininos, colocando a mulher em posição de inferioridade e subordinação (STRUCKER; MAÇALAI, 2016, p. 10). A mulher, nesse sistema, é tida como, e apenas, uma dona de casa destinada a cuidar do marido, filhos e do lar. Estas prerrogativas sugerem que a mulher não deve (e não tem) ter poder ativo na sociedade, mesmo exercendo papéis e trabalhos nela.

A sociedade tem o homem como elemento fundamental. Assim, como diz Simone de Beauvoir (1970), “na época em que o gênero humano se eleva até a redação escrita de suas mitologias e de suas leis, o patriarcado se acha definitivamente estabelecido: são os homens que compõem os códigos. É natural que deem à mulher uma situação subordinada” (BEAUVOIR, 1970, p. 101). Ao que transmite este pensamento, ao passo que deixamos que as leis e os papéis sociais sejam empregues apenas por homens, também deixamos a mulher sujeita a essas prerrogativas que as consideram incapazes de construir uma sociedade melhor e, conseqüentemente, mais desenvolvida.

No Brasil, a mulher, especialmente a negra, passou pelo “processo pelo qual o corpo da mulher foi analisado — qualificado e desqualificado — como corpo integralmente saturado de sexualidade [...]” (FOUCAULT, 1988 p. 99). O autor expressa a visão estereotipada que a sociedade faz da mulher como objeto assujeitado aos prazeres masculinos. Nesse aspecto Gonzales (1982) já dizia: “ainda existem ‘senhoras’ que procuram contratar jovens negras belas para trabalharem em suas casas como domésticas; mas o objetivo principal é o de que seus jovens filhos possam ‘iniciar-se’ sexualmente com elas” (GONZALEZ, 1982, p. 99).

Agora, diante dos conceitos e reflexões supracitadas, vejamos a situação que a mulher, já tida como inferior diante da sociedade, enfrenta ao ser negra. É sabido que o Brasil foi um dos últimos países, na América latina, a declarar liberdade aos negros. E, após essa conquista, inicia-se a luta para a inserção social para esses. Logo após o dito fim da escravatura, mais especificamente um ano após, em 1889 tivemos a proclamação da república brasileira, no entanto, “o novo sistema político [...] não assegurou profícuos ganhos materiais ou simbólicos para a população negra” (DOMINGUES, 2007, p. 102).

O modo como o Brasil deixa de ser um país escravocrata, ao invés de certificar uma inserção do negro na sociedade, o coloca como fonte de mão de obra barata. Fazendo com que “os ex-escravos, além de serem discriminados pela cor, somaram-se à população pobre e formaram os indesejados dos novos tempos, os deserdados da República” (MARINGONI, 2011, p. 1)³. Com isso, o racismo torna-se um impedimento da ascensão dos negros em esfera social. Tornando a mulher negra mais longe ainda da ascensão social, pois, historicamente, além de inferior ao homem será inferior à mulher branca. Portanto, é necessário que a variável racial não seja deixada de lado nas perspectivas de gênero. Nessa perspectiva Marcondes *et al* (2013) diz que:

Os problemas vivenciados por mulheres de um determinado grupo racial não são considerados, tanto porque não são identificados como problemas das mulheres, ao não serem compartilhados com mulheres do grupo dominante, como também não são percebidos como relevantes para seu grupo racial, por não serem compartilhados pelos homens daquela população (MARCONDES, *et al.*, 2013, p. 109).

³ Artigo disponível em: <
https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2673%3Acatid%3D28&Itemid=23
 > acesso em: 10 set. 2020.

Os autores enfatizam que os problemas das mulheres negras não são considerados como mais graves que os das mulheres brancas e muito menos são relevantes para os homens do seu grupo racial. É o Feminismo Negro que evidencia a luta da mulher negra, que enfrenta não somente a carga de ser tida como uma pessoa que deve ser dona de casa, mas, também, como mulher que deve ser subalterna dos homens brancos e negros, e das mulheres brancas. As mulheres negras são tidas como escória na pirâmide social.

2. A mulher negra na sociedade brasileira: Gênero, etnia e identidade.

A luta feminista reivindica o lugar da mulher como dona de si, de suas vontades e dos seus direitos na sociedade. Essa luta tem como grande marco a publicação do livro “O segundo Sexo”, da teórica social Simone de Beauvoir (1967); no qual, explicita as dificuldades para que a mulher torne-se independente e diz que “se as dificuldades são mais evidentes na mulher independente é porque ela não escolheu a resignação e sim a luta” (BEAUVOIR, 1967, p. 456).

A causa feminista, como supracitada, luta pelo direito da mulher na sociedade e, mesmo assim, houve a necessidade de fragmentar essa causa para abranger todas as mulheres e com isso surge, dentre tantos, o Feminismo Negro. Quando a luta feminista deixa de lado a vertente da mulher negra generalizando-as como lutadoras de uma mesma luta “acaba incorporando esse discurso e estruturando o discurso das mulheres brancas como dominante” (RIBEIRO, 2016, p. 101). Isso acaba, na maioria das vezes, não sendo proposital, mas é extremamente importante pensar que a mulher negra possui a dupla discriminação entre gênero e raça. A mulher, por ser mulher, já é tida como inferior diante dos homens e quando se tem a pele negra tem-se, também, o racismo como fator diminutivo em sua identidade perante a sociedade.

O Feminismo Negro entra na causa da interseccionalidade. Akotirene (2019, p. 97) afirma que “a interseccionalidade pode ajudar a enxergarmos as opressões, combatê-las, reconhecendo que algumas opressões são mais dolorosas”. O que a autora demonstra é a opressão que a mulher negra sofre pelo seu gênero, raça e classe social.

A situação da mulher negra na sociedade brasileira vai bem além dos comentários machoracistas⁴ que a envolve. Quando a mulher negra assume o seu

⁴ A palavra é incorporada para enfatizar a dupla discriminação, contra a mulher negra na sociedade brasileira, de machismo e racismo.

pertencimento étnico-racial, sua forma de olhar a si própria e as atitudes vivenciadas ao longo de sua vida, recebem um novo olhar, um olhar mais crítico e de busca a direitos que, até então, não tinham sido descobertos. E assim “o brasileiro negro pode passar a valorizar suas características físicas, apresentar atitudes mais afirmativas frente a situações de discriminação” (FERREIRA; CAMARGO, 2011, p. 388).

A mulher negra é encorajada, desde sempre a esconder seus traços: é o cabelo afro, são as curvas voluptuosas, são os traços marcantes, é, sobre tudo, o racismo escondido no: é apenas minha opinião. É uma realidade que a mulher negra enfrenta em sua vida pessoal e profissional, sendo essa de maior instabilidade para a mulher negra, pois “tanto o olhar de homens brancos quanto o de negros e quanto o das mulheres brancas confinaria a mulher negra a um local de subalternidade muito mais difícil de ser ultrapassado” (RIBEIRO, 2016, p. 103). E é nessa visão que estabelecemos a importância do Feminismo Negro, para realçar a mulher e o negro em uma posição de igualdade em todas as esferas sociais.

A negritude feminina é a mais discriminada socialmente. Dados trabalhistas, do Instituto de Pesquisa e Ensino Avançado - IPEA, mostram que a mulher negra é a que recebe menos tanto em comparação com os homens quanto em comparação com as mulheres brancas — em 2007 o homem branco possuía o salário de R\$ 1278, o homem negro de R\$ 649, a mulher branca de R\$ 797,1 e a mulher negra de R\$ 436,5 — (BONETTI; ABREU, 2011, p. 118). Essa característica ocorre porque a mulher negra é historicamente tida como inferior, tanto em gênero quanto em raça.

A discriminação de gênero e raça é transpassada historicamente como um ponto positivo para ascensão dos brancos na sociedade. Visto que “as desigualdades de acesso a determinados ramos de atividade, assim como o ingresso em ocupações menos formais, estão fortemente mediados por fatores que se relacionam com a discriminação de gênero e raça” (MARCONDES, et al., 2013). Nesse contexto:

Parece pertinente a indicação de que as categorias “cor” e “sexo” se combinam num quadro em que os homens brancos estão no topo do ranking da renda média da ocupação principal, o que os posiciona num patamar de renda muito superior aos grupos intermediários (mulheres brancas e homens negros). Nestes termos, tem-se uma realidade em que os valores ligados à branquidade e à masculinidade conferem supremacia aos homens brancos, cabendo aos demais grupos posições subalternizadas (BONETTI e ABREU, 2011, p. 120).

Está afirmativa pode ser facilmente comprovada analisando que na pirâmide social trabalhista a grande maioria dos ocupantes de cargos de chefia são homens brancos, intermediados por mulheres brancas e homens negros e as mulheres negras estão relacionadas aos trabalhos subalternos de menores posições, tal como na limpeza de grandes corporações. Seja qual for à relação social que a mulher negra pretenda exercer, ela entra com desvantagem social, pois é estereotipada como não sendo digna de exercer poder para os que se acham superiores a elas, seja por gênero ou por raça.

3. Relações ideológicas no discurso de poder contra a mulher negra

Quando falamos do Feminismo Negro, falamos de mulheres fortes que contêm historicamente a imposição de “cale-se e obedeça”. Mulher sendo posta, em um sistema patriarcal, na condição de última fala e negros na posição de servidão. As mulheres negras enquadram-se em duas realidades: a discriminação de gênero e a de raça. E estas em uma sociedade machoracista, como é o caso do Brasil, são mulheres que precisam enfrentar a discriminação de gênero e étnica simultaneamente. Isso é esclarecido por Coelho e Gomes (2015), quando dizem que:

A mulher negra se insere na sociedade sofrendo o peso da dupla discriminação, raça e gênero. Nesse contexto é importante ressaltar que a opressão vivenciada pela mulher negra não é mais importante que a da mulher branca, porém é necessária a compreensão de que a mulher negra experimenta um conjunto de desvantagens sociais que resultam em uma posição social inferior à da mulher branca (COELHO; GOMES, 2015, p. 6).

Em vista disso, a mulher negra é posta em uma relação ideológica de inferioridade tanto para os homens, seja eles brancos ou negros, quanto para mulheres brancas. Esse discurso é historicamente perpassado de forma a dar poder a um grupo social e ideológico de elites e, como tal, é uma forma de disseminar os discursos machoracistas que se manifestam na linguagem e, segundo Fernanda Mussalim (2003, p. 104), a linguagem é o lugar onde as ideologias se materializam.

Percebe-se que dentro da dupla discriminação que a mulher negra sofre existem, ao menos, dois discursos ideológicos de classes historicamente dominantes: a classe patriarcal que enfatiza o homem como soberano; e a classe de supremacia branca que têm os negros como inferiores e dignos apenas de servidão aos brancos. Nessas perspectivas temos uma formação discursiva (doravante, FD) de superioridade da supremacia patriarcal e branca.

O sujeito discursivo nesse contexto de discriminação tem um viés mais genérico, visto que, este perpassa por uma posição ideológica de sua classe social que vem historicamente reprimindo a mulher e o negro. Esse discurso segundo Pêcheux e Fuchs (1975, p. 166), referencia o sujeito ideológico que é levado, sem se dar conta, a ocupar seu lugar em dada classe social-ideológica. Logo, essas ideologias materializadas nos discursos opressores desempenham uma “fase histórica de luta de classes” (PÊCHEUX; FUCHS, 1975, p. 167).

A FD está ligada a exterioridade, dentro de uma formação ideológica, que “designa o efeito necessário de elementos ideológicos não-discursivos (representações, imagens ligadas a práticas etc.) numa determinada formação discursiva” (PÊCHEUX; FUCHS, 1975, p. 168). O que, geralmente, determina o que pode ou não ser dito em um discurso de grupo. Dentro das FDs podem conter interdiscursos — “conjunto dos outros processos que intervêm nele para constituí-lo (fornecendo-lhe seus "pré-construídos") e para orientá-lo” (PÊCHEUX; FUCHS, 1975, p. 230) — que ora se confrontam ora se aliam. No caso dos discursos machoracistas incorporam dois discursos que acabam se unindo na opressão à mulher negra, visto que, é de interesse aos dois grupos sociais vedar essa classe da ascensão social.

Sobre as FDs Foucault (2008) diz que: “por mais que as regras estejam investidas em cada enunciado, por mais que, por conseguinte, sejam reutilizadas em cada um, elas não se modificam a cada oportunidade; podemos reencontrá-las em atividade em enunciados ou grupos de enunciados bem dispersos no tempo” (FOUCAULT, 2008, p. 188). Ou seja, Foucault nos mostra que os discursos reproduzidos são uma forma de perpetuar ideias e situações já estabelecidas socialmente, e é aí que o discurso perde sua finalidade de ressignificação social e passa a ser uma forma de manutenção de grupos sociais privilegiados historicamente.

Sabendo que toda FD é construída por uma formação ideológica, sabe-se também que nela há uma materialização de sentidos difundidos ideologicamente no decorrer da história. As palavras usadas em um discurso dialogam com outras palavras historicamente disseminadas em dados discursos, e todo discurso dialoga com outros discursos que fazem parte da memória expressa nas FDs (ORLANDI, 1999, p. 43). Sendo assim, são as ideologias que formam as opressões que perpassam os anos em uma sociedade que tende a ser intolerante com as características do outro.

Em consonância com Akotirene (2019, p. 98), a mulher negra na luta de gênero, raça e classe luta pela vontade de desarticular os sistemas opressores do colonialismo, eurocentrismo e machismo. Uma luta característica da interseccionalidade expressa no Feminismo Negro.

4. O seriado

O seriado *Malhação Viva a Diferença* foi transmitido pela Rede Globo entre maio de 2017 a março de 2018. Foi transmitido para o público em geral de forma gratuita pela rede televisiva e, atualmente, está vinculada ao site Globoplay da mesma emissora⁵. As transgressões são aparentes nas sequências discursivas (doravante, SD) que seguirão, e apontarão que a ficção, assim como na mimese aristotélica, se assemelha à realidade enfrentada pelas negras na sociedade brasileira.

As condições de produção em que o seriado foi produzido entre o ano de 2017 e 2018 contempla uma ascensão dos movimentos representacionais modernos. Dentre eles, o movimento feminista que se ergueu na luta com o slogan “Mulheres na Política”, após o assassinato brutal da vereadora Marielle Franco no Rio de Janeiro em 2018. É válido ressaltar que a vereadora além de mulher exercendo um cargo, até em tão de dominância masculina e de poder na sociedade, também era negra. Muito embora as mulheres negras, assim como os homens negros, serem maioria na sociedade brasileira são as menos representadas e as que sofrem mais preconceitos machoracistas e violências nesse país.

Malhação Viva a Diferença é um seriado que propõe uma integração representacional de diversas classes de povos historicamente silenciados, entre elas destaque: as mulheres negras, os povos periféricos e a comunidade LGBTQI+. Essa produção caracteriza as diversas nuances que causaram e causam questionamentos nos estudos de resistência dos movimentos sociais modernos do século XXI.

4.1 Fios de análise

Para compor essas análises, pontuo que o primeiro diálogo que sucederá essa breve introdução é composto pelas personagens Lica e Helen, que fazem o contraste entre duas mulheres de contextos sociais, culturais e étnicos extremamente diferentes.

⁵ Embora o site seja de rede privada no momento da coleta de dados o seriado estava gratuito, necessitando apenas de um e-mail cadastrado.

Essa: negra, pobre e periférica; aquela: branca, rica e residente dos bairros nobres. As personagens como sujeitas de um campo social, cultural e étnico distintos, formam FDs também distintas. Tendo em vista isso, expõem essas FDs conforme se identificam e se compõem a elas. Uma vez definidas suas FDs, nelas são expostas suas ideologias que se mostram individuais ao mesmo passo que são coletivas.

Eni Orlandi (1999) considera a interpretação do que é dito como uma incompletude, e por isso “nem sujeitos nem sentidos estão completos [...] essa incompletude atesta a abertura do simbólico, pois a falta é também o lugar do possível” (ORLANDI, 1999, p. 52). É por meio dessa incompletude que, nas palavras de Orlandi, é constituído as repetições e as diferenças discursivas.

O movimento do Feminismo Negro tenta retirar essa visão estereotipada de que a mulher negra se volta unicamente “para a prestação de serviços domésticos juntos às famílias das classes média e alta da formação social brasileira” (GONZALEZ, 1982, p. 97). Este movimento mostra que a mulher negra, como todo sujeito livre em uma sociedade, pode exercer as mesmas posições que homens, sejam brancos ou negros, e mulheres brancas.

Os lugares de falas que seguirão mostrarão a dominância de um grupo pela subalternização de outro. Enquanto esse busca por um lugar de cidadania aquele vive sem enxergar as dificuldades do outro. O trabalho aqui exposto investiga a atividade discursiva no diálogo entre as personagens Lica e Helen no 3º episódio do seriado, e será dividido em 4 sequências discursivas:

SD₁- Lica: Gente, deixa que eu levo essas roupinhas pra minha faxineira lavar.

Helen: Sua faxineira lavar, Lica?

Lica: Faxineira da minha mãe.

Helen: Faxineira pertence a sua mãe?

Lica: Ai, é modo de dizer Helen. Como é que você quer que eu fale?

Helen: A faxineira que trabalha lá em casa.

Lica: Tá, a faxineira que trabalha lá em casa.⁶

SD₂, Helen: Isso aí é jeito de dobrar?

Lica: ah, que que tem? O tônico vai amassar mesmo.

Helen: A sua empregada também faz isso?

Lica: Eu falei minha empregada, mas é maneira de dizer, Helen! Eu sei que ela trabalha pra minha mãe, e eu me dou super bem com ela.

SD₃, Helen: A minha vó que trabalhou de faxineira a vida toda.

Lica: Que legal...

Helen: Legal? Ela deu mó duro na casa de gente esnobe que fica dizendo “essa é minha

⁶ Esse primeiro momento do diálogo é seguido de uma passagem de cenas de outros personagens, e, logo após, ocorre o segundo momento. Nesse, em SD₄, a personagem Benê tem um turno de fala.

faxineira” como se fosse propriedade da família. Da vontade de dizer: a minha vó não é tua não, ó babaca.

Lica: Aí tá bom, Helen, já entendi. Não vou falar mais assim pronto.

SD₄ Benê: Ei, para de brigar. Nós somos amigas!

Helen: O problema não é falar, é pensar assim.

Lica: Ai tá bom, Helen, já sei.⁷

As materialidades ideológicas se inserem no diálogo das personagens e iniciam as FDs de cada personagem no seriado.

SD₁- Lica: Gente, deixa que eu levo essas roupinhas pra minha faxineira lavar.

Helen: Sua faxineira lavar, Lica?

Lica: Faxineira da minha mãe.

Helen: Faxineira pertence a sua mãe?

Lica: Ai, é modo de dizer Helen. Como é que você quer que eu fale?

Helen: A faxineira que trabalha lá em casa.

Lica: Tá, a faxineira que trabalha lá em casa.

A personagem Lica é uma garota branca e rica da elite paulistana, e como tal não conhece os desafios que uma mulher negra periférica enfrenta diariamente. Após o início da amizade com as garotas — Helen, Benê, Tina e Keila — de classe baixa, exceto Tina, vê a realidade além dos muros de sua vida “perfeita”, o que gera embates entre as garotas, principalmente com a personagem Helen.

Em SD₁ Lica se insere na FD das mulheres que pertencem a uma elite que não precisam se preocupar com os afazeres domésticos, pois outros fazem para eles. Segundo Pêcheux e Fuchs (1975, p.167), as FDs intervêm nas formações ideológicas, e a ideologia que é posta por essa FD é a ideologia dominante de classe social e étnica. O que gera a indignação da personagem Helen é o sentimento de posse explícito na fala de Lica quando diz “minha faxineira”, e mesmo quando tenta se retratar após ser pressionada pela pouco indulgente Helen, ainda diz que não é sua faxineira e sim a “faxineira da minha mãe”. Ou seja, a garota de classe alta não vê a falta de senso que é tratar uma pessoa que faz seus trabalhos domésticos como sua posse.

Nessa SD, Helen mostra que a mulher que trabalha em afazeres domésticos não é propriedade de seus contratantes. E mostra para Lica que essa mulher trabalha na sua casa e não é sua posse. A personagem mostra que a “superioridade racial teve na subordinação feminina seu elemento complementar” (CARNEIRO, 2002, p. 169).

⁷ O dialogo, da transcrição feita, está disponível em: < <https://globoplay.globo.com/v/5860145/> > acesso em: 28 nov. 2020.

SD₂. Helen: Isso aí é jeito de dobrar?

Lica: ah, que que tem? O tônico vai amassar mesmo.

Helen: A sua empregada também faz isso?

Lica: Eu falei minha empregada, mas é maneira de dizer, Helen! Eu sei que ela trabalha pra minha mãe, e eu me dou super bem com ela.

Na SD₂, Helen aparentemente ainda está ressentida com o comentário infame de Lica e a repreende por sua forma de executar sua tarefa, no entanto, a garota não vê problema com sua falta de habilidade. É nesse momento que entra em cena uma nova FD, representada pela mulher negra que entende as obrigações domésticas que precisam ser levadas a sério e que, em uma situação de contratador e contratada, não seria levado como “tanto faz”. A validação da fala de ambas as participantes se caracteriza no interdiscurso expresso por Lica em reproduzir o discurso da elite dominante; e em Helen, no discurso da classe baixa.

Na determinação do lugar de fala, Helen tenta mostrar que Lica não seria questionada em sua casa, na qual há pessoas que podem fazer esse serviço, por não saber dobrar roupa, em contrapartida, uma empregada doméstica seria questionada sobre isso — o interdiscurso rememora discursos de grupos, ou seja, “a memória faz parte da produção do discurso” (ORLANDI, 1999, p. 30). Além do mais, Lica tenta apaziguar a situação afirmando “eu me dou super bem com ela”, essa fala é semelhante ao que uma pessoa, depois de um ato racista, dizer que não é racista porque possui amigos ou familiares negros. O racismo ou o sentimento de posse é mascarado por essas relações de proximidade, no entanto, essas relações não anulam o ato discriminatório ocorrido.

SD₃. Helen: A minha vó que trabalhou de faxineira a vida toda.

Lica: Que legal...

Helen: Legal? Ela deu mó duro na casa de gente esnobe que fica dizendo “essa é minha faxineira” como se fosse propriedade da família. Da vontade de dizer: a minha vó não é tua não, ó babaca.

Lica: Aí tá bom, Helen, já entendi. Não vou falar mais assim pronto.

Em SD₃, Helen expressa pesar ao refletir que sua avó precisou trabalhar sua vida toda nesse tipo de serviço — e, provavelmente, passou por toda essa situação de ser tida como posse daqueles que a contratam. Lica, no entanto, representa na sua fala “que legal”, uma falta de empatia e consciência para aqueles que são membros de uma realidade diferente da sua. Nessa SD, Helen se posiciona na FD de resistência contra o discurso que inferioriza a mulher, sobretudo a mulher negra, e expressa que sua avó,

mulher negra de classe baixa, passou por duros trabalhos em famílias que, assim como Lica, eram esnobes e a tratavam como posse. A resistência de Helen é marcada pelo silenciamento que outrora era comum para os negros e principalmente para a mulher negra, tida como posse da classe dominante, essa FD “se inscreve em um espaço de embates, de lutas ideológicas” (MUSSALIM, 2003, p. 125).

É perceptível que a personagem Lica não reflete acerca do que Helen põe em questão no diálogo e utiliza de expressões de concordância para que a conversa não siga adiante. A concordância expressada, mostra que a classe dominante não dialoga com a classe reprimida, e quando não há diálogo tampouco há mudança. É nessa reflexão que a incompletude que Orlandi (1999, p. 52) pontua como lugar de possibilidades se mostra ineficaz, não porque não seja possível, mas porque se mostra incapaz de ser considerada como impulsionador de mudanças pela classe que domina o poder nas relações sociais.

SD₄. Benê: Ei, para de brigar. Nós somos amigas!
Helen: O problema não é falar, é pensar assim.
Lica: Ai tá bom, Helen, já sei.

A SD₄ inicia com a fala de Benê tentando apaziguar o diálogo entre as personagens que destaque nessa análise, no entanto, Helen se mostra inflexível ao pontuar que “o problema não é falar, é pensar assim”, referindo-se aos comentários ditos por Lica. A fala de Helen exterioriza o descontentamento que os servis enfrentam diariamente, uns sequer possuem o direito de expressar suas opiniões acerca do discurso daqueles que os contratam. Expõe também que não é apenas um modo de falar da elite, é uma forma enraizada de pensar e agir com os de classe baixa.

O sujeito discursivo nesse diálogo não mais se insere na individualidade de pensamentos, mas sim na exteriorização de ideologias de grupos. No caso dessa conversa as FDs se repelem, pois uma exprime o discurso dominante e a outra o discurso reprimido. O sujeito passa a discursar não mais marcado pelo discurso de unidade e sim pelo discurso que exerce diversos papéis de acordo com seu espaço interdiscursivo (MUSSALIM, 2003, p. 133).

Esse não foi o único diálogo reproduzido no seriado, entre diversos outros, o próximo é uma transcrição de um diálogo curto, mas que expressa nitidamente o discurso de superioridade proferido pela mulher branca que assujeita a mulher negra à

posição de subalternidade social. O diálogo que sucederá ocorre no 111º episódio do seriado pelas personagens Malu e Nena:

SD_a- Malu: oi, vocês tão procurando o RH? Não é aqui, não, é a terceira porta a direita. Mas eu já vou avisando que o serviço de limpeza aqui é terceirizado, viu?

Nena: Ai, que bom pra vocês! Essas empresas são ótimas, né? Mas eu tô aqui porque eu sou a mãe e ela é a avó de uma aluna, provavelmente a mais inteligente de todas.

Malu: Olha... tá.⁸

A SD_a mostra a FD de superioridade branca proferida pela personagem Malu. Malu é uma mulher branca e rica da elite paulistana, professora de literatura do renomado colégio Grupo, que aparentemente, não passou por dificuldades para chegar ao cargo que exerce. A professora ao se deparar com Das Dores e Nena, a avó e a mãe de Helen, respectivamente, considera, de imediato, que as duas estão à procura de trabalhos na limpeza do colégio. O interdiscurso que perpassa essa FD está relacionado com o estereotipo da mulher negra como serva dos brancos e seu cargo, portanto, não passa de serviços de limpeza, estereotipo que vem desde a colonização brasileira até os dias atuais. Neste momento, vemos a ideologia da supremacia branca que perpassa a sociedade brasileira.

A fala de Nena compõe a FD de resistência que a mulher negra está cada dia mais se inserindo nos cargos e nas posições que eram unicamente ocupadas pelos homens e pelas mulheres brancas. E demonstra em sua fala que sua filha, negra, pobre e periférica, assim como qualquer outro aluno que ali estude, pode ocupar esse espaço de visibilidade social, e mais que, dentre todas as alunas, sua filha é “provavelmente a mais inteligente de todas”. Uma ideologia de resistência se insere nas formas discursivas contemporâneas para colocar a mulher negra em lugares de prestígio socialmente disseminado.

Parafraseando Orlandi (2003, p.50), os discursos proferidos por Lica e Malu, nos dois diálogos, se inserem no discurso feminista de supremacia branca, cheio de privilégios sociais, que estão no interdiscurso do sujeito e da história que domina as relações sociais. Já Helen e Nena se inserem no discurso do Feminismo Negro que compreende a mulher negra como o sujeito que está no chão do escopo social, sofrendo assujeitamentos diários tanto por ser mulher como por ser negra. Além do mais, Helen e

⁸ O dialogo, da transcrição feita, está disponível em: < <https://globoplay.globo.com/v/6211051/> > acesso em: 28 nov. 2020.

Nena trazem à tona a ligadura do gênero, da raça e da classe, que a resistência interseccional enfrenta nos “casos de violência contra as mulheres de cor, lidar com a interconexão das estruturas em direção às mulheres, verificar a identidade produzida pelo racismo, exploração de classe, patriarcado e homofobia, atravessada pela experiência coletiva da mulher negra” (AKOTIRENE, 2019, p. 100).

Considerações finais

No campo discursivo, as questões sociais de dominação e/ou opressão são postulados por ideologias e como tais possuem relações de poder incutidas dentro de seus discursos. A mulher negra sofrendo uma dupla discriminação se posiciona no lugar mais baixo da pirâmide social.

Todos os movimentos sociais são regidos pela vontade da mudança, indo contra as ideologias já estabilizadas socialmente. A interseccionalidade, na resistência do Feminismo Negro, propõe um discurso para a equiparação nas relações sociais entre as mulheres negras, mulheres brancas e os homens brancos ou negros.

As ideologias dominantes são desculpas para oprimir, e é oprimindo que as classes sociais dominantes vão perpassando século após século no poder. Nessa visão, a sociedade só vai evoluir e/ou excluir ideologias das supremacias, principalmente as opressoras, quando a sociedade livrar-se de tais pensamentos opressores. As relações de poder no discurso patriarcal e racista oprimem na tentativa de não perder sua posição historicamente privilegiada. No entanto, a mulher negra não luta para substituir lugares de poder exercidos por outros e outras. A mulher negra luta por seu lugar de fala, representatividade social e resiste à dominação branca.

Referências

AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. In: Djamila Ribeiro (Org). *Feminismos Plurais*. Pólen: São Paulo, 2019.

BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo*. Tradução Sérgio Milliet. Difusão Européia do Livro, São Paulo, 2ed, 1967.

_____. *O Segundo Sexo*. Tradução Sérgio Milliet. Difusão Européia do Livro, São Paulo, 2ed, 1970.

BONETTI, Alinne; ABREU, Maria Aparecida de (Org.). *Faces da desigualdade de gênero e raça no Brasil*. IPEA: Brasília, 2011, p. 117-125.

CARNEIRO, Sueli. Gênero e raça. In: Cristina Bruschini e Sandra G. Unbehaum (orgs). *Gênero, democracia e sociedade brasileira*. São Paulo: 2002.

COELHO, Andreza; GOMES, Sansarah. *O movimento feminista negro e suas particularidades na sociedade brasileira*. UFMA: Maranhão, 2015.

DOMINGUES, Petrônio. *Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos*. Tempo: Niterói, 2007, p. 100-122.

FERREIRA, Ricardo; CAMARGO, Amilton. *As Relações Cotidianas e a Construção da Identidade Negra*. PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO. Brasília, 2011.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. - Rio de Janeiro, 1988.

_____. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, 7ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008, p. 151-199.

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira. In: Madel T. Luz (org). *O lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

MARCONDES, Mariana, et al (Org.). *Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil*. IPEA: Brasília, 2013, p. 53-77.

MARINGONI, Gilberto. *O destino dos negros após a Abolição*. São Paulo, 2011.

MORGANTE, Mirela Marin; NADER, Maria Beatriz. *O patriarcado nos estudos feministas: um debate teórico*. Anpuh: Rio de Janeiro, 2014.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (org.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. Vol. II, 3 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimento*. Campinas, Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. 1997 (1975). A propósito da análise automática do discurso: atualizações e perspectivas. In: F. Gadet; T. Hak (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3 ed. Campinas: Ed. da Unicamp, pp. 163-246.

RIBEIRO, Djamila. *Feminismo negro para um novo marco civilizatório*. Sur: Ensaios, 2016.

STRÜCKER, Bianca; MAÇALAI, Gabriel. 'Bela, recatada e do lar': os novos desdobramentos da família patriarcal. In: XIII Seminário Internacional de demandas sociais e políticas públicas na sociedade contemporânea. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2016.